

**13<sup>a</sup>**  
**PRI  
MA  
VERA**  
dos **MUSEUS**

Seminário Interinstitucional  
**POR DENTRO E PARA  
ALÉM DOS MUSEUS:**  
arte, educação e patrimônio

**25 e 26/09** (Mauc)  
**27/09** (Museu da Fotografia)



**13<sup>a</sup> Primavera dos Museus**  
**Seminário Interinstitucional**  
**Por dentro e para além dos museus: arte, educação e**  
**patrimônio**

**CADERNO DE RESUMOS**  
**e**  
**PROGRAMAÇÃO**

Universidade Federal do Ceará  
Museu de Arte da UFC  
Museu da Fotografia Fortaleza  
25 a 27 de setembro de 2018

**Fortaleza – Ceará, Brasil**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
MUSEU DE ARTE DA UFC  
MUSEU DA FOTOGRAFIA FORTALEZA

**CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO**

*SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL  
POR DENTRO E PARA ALÉM DOS MUSEUS  
ARTE, EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO*

Fortaleza – Ceará – Brasil

2019

Caderno de Resumos e Programação: Seminário Interinstitucional por dentro e para além dos museus: arte, educação e patrimônio. Organização: Saulo Moreno Rocha. Fortaleza: Museu de Arte da UFC/Museu da Fotografia Fortaleza, 2019.

30 p.

Resumos e programação do Seminário Interinstitucional por dentro e para além dos museus: arte, educação e patrimônio, realizado nos dias 25 e 26 de setembro no Museu de Arte da UFC e no dia 27 de setembro no Museu da Fotografia Fortaleza, como parte da programação da 13ª Primavera dos Museus: “Museus por dentro, por dentro dos museus”.

1. Museologia. 2. Museu. 3. Patrimônio. 4. Educação em Museus I. Universidade Federal do Ceará. II. Museu de Arte da UFC. III. Museu da Fotografia Fortaleza. IV. Moreno Rocha, Saulo. V. Título.

CDD. 060

A redação e o conteúdo dos resumos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores, não expressando necessariamente a opinião das instituições organizadoras.

## **13ª Primavera dos Museus**

### **Museus por dentro, por dentro dos museus**

#### **Promoção**

Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)

#### **Seminário Interinstitucional**

#### **Por dentro e para além dos museus: arte, educação e patrimônio**

#### **Realização**

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Museu de Arte da UFC (MAUC)

Museu da Fotografia Fortaleza (MFF)

#### **Apoio**

Laboratório de Arte Contemporânea (LAC) – Universidade Federal do Ceará

Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA) – Universidade Federal do Ceará

## Sumário

<b>Apresentação</b> .....	<b>7</b>
<b>Programação</b> .....	<b>9</b>
<b>Resumos</b> .....	<b>14</b>
Colonialidade e resistência nas artes de dizer .....	15
Descolonizar o olhar fotográfico .....	15
Artes e Museus Indígenas no Ceará.....	16
Como usar da colonialidade para desfazê-la? .....	17
O ensino de História através da Educação Patrimonial: o Museu como espaço de ensino e aprendizagem	17
Narrativas museais: a experiência da construção do Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC .....	18
Dia de visitar o Museu: qual o papel do professor? .....	20
Educando o olhar: patrimônio, cultura e cidade.....	20
Museu, educação e patrimônio industrial.....	21
O Educativo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará.....	22
Relatos de uma experiência em curadoria compartilhada .....	22
Patrimônio do Meu Eu: vivências educativas na Casa do Capitão-Mor Centro de Referência Cultural e Histórica de Sobral .....	23
Experiências com gestão e políticas públicas nos museus cearenses .....	23
Patrimônio Cultural da Casa José de Alencar: Novos olhares, novas possibilidades .....	23
Museu da Imagem e do Som – MIS SIM.Ce: À procura da <i>Simpoiesis</i> .....	24
A Casa de José de Alencar e seus múltiplos acervos .....	25
O que é o “dentro” dos museus? .....	26
Programa de acessibilidade MFF.....	27
Projeto Acesso: ações inclusivas no campo museológico .....	27
Design Computacional e experiências com arte acessível.....	28
Acessibilidade no Mauc: Ações que fazem a diferença.....	28

## Apresentação

Todos os anos, em duas ocasiões, a comunidade museológica brasileira é convidada a participar de um amplo movimento a favor da valorização dos museus e do patrimônio. A Semana dos Museus, que ocorre no primeiro semestre e, no segundo, a Primavera dos Museus, que este ano chega à sua 13ª edição com o tema “Museus por dentro, por dentro dos museus”. Promovido nacionalmente pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), autarquia federal que tem por missão o incentivo e construção de políticas públicas museais, a Primavera é realizada em todos os cantos do País e, juntamente com as flores e cores da estação, nos traz várias reflexões, debates e exposições. Enfim, uma enorme quantidade de ações que mobilizam pessoas e instituições de norte a sul.

Neste ano, o Museu de Arte da UFC (MAUC) e o Museu da Fotografia Fortaleza (MFF) estabeleceram uma parceria que oportunizou a realização do Seminário Interinstitucional Por dentro e para além dos museus: arte, educação e patrimônio, que ocorrerá entre os dias 25 e 27 de setembro. O evento reunirá especialistas, artistas, educadoras(es), museólogas(os) e público para refletir sobre as articulações entre as temáticas e, principalmente, debater a realidade museal contemporânea e os seus desafios.

Nesta publicação apresentamos o programa do seminário, que será composto por conferências, painéis e mesas redondas. Além da programação, parte das(os) convidadas(os) atenderam ao nosso pedido e enviaram resumos de suas apresentações, reunidos aqui agora, favorecendo tanto um registro que eterniza nosso encontro, como também qualifica a produção, circulação e socialização de conhecimentos, elementos imprescindíveis a museus conectados e comprometidos com a formação e com a educação.

Agradecemos a todas(os) convidadas(os) que gentilmente aceitaram o nosso convite e que compartilharão conosco as suas experiências, saberes e, antes de tudo, os seus contributos à construção de novas possibilidades para os museus cearenses e brasileiros. Nossos agradecimentos também ao Laboratório de Arte Contemporânea (LAC) e ao Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA), parceiros na concretização desse projeto.

Desejamos um excelente seminário a todas e todos, com esperança de que as parcerias agora firmadas se fortaleçam e que a alegria das flores e da primavera inunde os nossos museus de novos olhares, sujeitos, histórias e futuros.

Fortaleza, setembro de 2019

**Graciele Karine Siqueira**

Diretora – Museu de Arte da UFC (MAUC)

**Pedro Sérgio Lima Ortale**

Coordenador Geral – Museu da Fotografia Fortaleza (MFF)

**Saulo Moreno Rocha**

Museólogo – Coordenador do Núcleo Educativo do MAUC/UFC (Org.)



# Programação

**Seminário Interinstitucional**  
**Por dentro e para além dos museus: arte, educação e patrimônio**  
**25 a 27 de setembro de 2019**

**25 de setembro**

**Local: Museu de Arte da UFC (MAUC)**

Tema: Arte e decolonialidade – parceria com o Laboratório de Arte Contemporânea (LAC) e Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA) – UFC

08h30 às 09h00 – Credenciamento

9h00 às 09h30 – Abertura

Graciele Karine Siqueira (diretora do Museu de Arte da UFC)

Pedro Sérgio Lima Ortale (Coordenador Geral do Museu da Fotografia Fortaleza)

09h30 – Conferência: Colonialidade e resistência nas artes de dizer

Ministrante: Maria de Fátima Vasconcelos da Costa (UFC)

Mediação: Claudiana Nogueira de Alencar (UECE)

10h30 – Painel 1: Decolonizando o olhar: arte e política na periferia

Participantes: Karine Araújo (Coletivo Doisvetin); Leon Reis (Negritude Infinita); Rômulo Silva (Laboratório Conflitualidade e Violência – COVIO – UECE)

Mediação: Nágila Gonçalves (Museu da Cultura Cearense – MCC)

13h00 – Conferência: Artes e Museus Indígenas no Ceará

Ministrante: Iago Barreto Soares (Caravana do Museu Indígena Tremembé de Almofala)

Mediação: Leandro Santos Bulhões de Jesus (UFC)

15h00 - Painel 2: Processos criativos afro-indígenas: curadorias decoloniais

Participantes: Aline Furtado; Clébson Oscar; Izabelle Louise Tremembé (LICCA/UFC)

Mediação: Eduardo Moreira (IFCE)

## **26 de setembro**

### **Local: Museu de Arte da UFC**

Tema: Educação em Museus e para o patrimônio

09h00 – Conferência: Por que um museu pode ser perigoso?

Ministrante: Francisco Régis Lopes Ramos (UFC)

Mediação: Saulo Moreno Rocha (MAUC/UFC)

10h30 – Mesa redonda: A ação do Núcleo Educativo do MAUC: as experiências das(os) educadoras(es)

O ensino de História através da Educação Patrimonial: o Museu como espaço de ensino e aprendizagem

Ana Lígia de Araújo Costa (História – UECE)

Narrativas museais: a experiência da construção do Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC

Bianca Amarante (História – UFC); Igor Eduardo (Pedagogia – UFC); Jully Dionizio (Letras Libras – UFC); Thaís Cândido Vieira (Letras Italiano – UFC).

Mediação: Luciana Sousa (UFMG)

13h00 – Mesa redonda: Educação em Museus e para o Patrimônio: experiências – Parte I

Dia de visitar o Museu: qual o papel do professor?

Berenice Abreu (UECE)

Educando o olhar: patrimônio, cultura e cidade

Edilberto Florêncio (UVA)

Museu, educação e patrimônio industrial

Patrícia Xavier (Museu da Indústria)

Mediação: Lia de Paula (Museu da Fotografia Fortaleza)

15h00 – Mesa redonda: Educação em Museus e para o Patrimônio: experiências – Parte II

O Educativo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará

Cris Soares (MAC.CE)

Relatos de uma experiência em curadoria colaborativa

Natália Maranhão (Caixa Cultural Fortaleza)

Patrimônio do meu Eu: vivências educativas na Casa do Capitão-Mor Centro de Referência Cultural e Histórica de Sobral

Neyci Sotero (Secretaria de Cultura de Sobral)

Mediação: Keli Pereira (Museu da Fotografia Fortaleza)

## **27 de setembro**

**Local: Museu da Fotografia Fortaleza**

Tema: Por dentro dos museus: estratégias de salvaguarda e comunicação do patrimônio

09h00 – Painel 1: Gestão de museus e do patrimônio cultural

Experiências com gestão e políticas públicas nos museus cearenses

Cristina Holanda (Fundação Memorial Padre Cícero/Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte)

Patrimônio Cultural da Casa José de Alencar: novos olhares, novas possibilidades

Frederico Pontes (Casa José de Alencar/UFC)

Museu da Imagem e do Som – MIS | SIM.Cc: à procura da Simpoiesis

Silas de Paula (Museu da Imagem e do Som do Ceará)

Mediação: Graciele Karine Siqueira (MAUC/UFC)

13h00 – Painel 2: Documentação e conservação do patrimônio musealizado

A Casa José de Alencar e os seus múltiplos acervos

Márcia Pereira de Oliveira (Casa José de Alencar/UFC)

O que é o “dentro” dos museus?

Saulo Moreno Rocha (MAUC/UFC)

Mediação: Adson Rodrigo (Secultfor)

14h30 – Painel 3: Acessibilidade e inclusão: democratização do acesso e fruição do patrimônio cultural

Programa de Acessibilidade MFF

Keli Pereira e Larissa Sales (Museu da Fotografia Fortaleza)

Projeto Acesso: ações inclusivas no campo museológico

Marcia Bitu Moreno, Lara Lima e Carlos Viana (Museu da Cultura Cearense)

Design Computacional e experiências com arte acessível

Roberto Vieira (UFC)

Acessibilidade no MAUC: ações que fazem a diferença

Carlizeth Campos e Saulo Moreno Rocha (MAUC/UFC)

Mediação: Gerda Holanda (Memorial da UFC)

# Resumos

## **Colonialidade e resistência nas artes de dizer**

Maria de Fátima Vasconcelos da Costa (PPGEB/LUDICE-UFC)<sup>1</sup>

Num contexto de uma sociedade plural como a nossa, herdeira de um violento encontro de distintas racionalidades, o dito é uma arena importante de disputa política, sobretudo em função dos processos de silenciamento a que foram submetidas às culturas ameríndias e africanas sob o jugo do eurocentrismo colonial. Apesar do aparato ideológico assentado na ideia de raça que garantiu a reprodução do mecanismo de subalternização pelo controle das instituições do estado, a resistência secular dos excluídos vem descobrindo o Brasil que foi encoberto em 1500. Para tanto, as artes do dizer jogam um papel importante, uma vez que rompem o silenciamento e reivindicam a representatividade das diferentes vozes que disputam o contorno das nossas identidades culturais: os bens materiais e imateriais. Os museus enquanto espaços de memória e produção social de identidades têm muito a dizer/fazer sobre isso.

## **Descolonizar o olhar fotográfico**

Rômulo Silva<sup>2</sup>

...olhar pode ser para alguns um ato “natural”. Inicialmente esbarramos em uma questão central: a naturalização esmagadora e enclausuradora do olhar. A quem é autorizado direcionar o nervo óptico em sua capacidade de quase 180 graus para frente? Estes dificilmente tremem ou desviam ao olhar. Aliás, nas palavras de Achille Mbembe, “ver não é a mesma coisa que olhar. Podemos olhar sem ver”. Narciso olhava para si mesmo, contemplava a própria beleza, acreditava-se o ideal, a verdade, a referência, o enquadramento do real e do Universal.

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1978), mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (1990) e doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará / Paris XIII (2001). Pós-doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2015). Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, no qual coordena o grupo de pesquisa LUDICE (Ludicidade, Discurso e Identidades nas Práticas Educativas - [www.ludice.ufc.br](http://www.ludice.ufc.br)) desde 2004. Atua na docência, extensão e pesquisa em Educação, tendo desenvolvido estas atividades no curso de Pedagogia na área de educação infantil/formação de professores. Na Pós-Graduação em Educação, criou o eixo de estudos das Práticas Lúdicas numa abordagem sociológica e das Relações etnoraciais na infância, atuando na orientação de pesquisas acerca dessas temáticas, bem como na organização de coletâneas de trabalho de pesquisas e publicações, entre elas: brincar e escola: o que as crianças têm dizer? e Práticas Lúdicas e Relações Intergeracionais: a infância em diferentes temporalidades. Dedicou-se aos Estudos da linguagem no enfoque discursivo e nos estudos culturais e decoloniais voltados para a problemática das Relações étnico-raciais e políticas de ação afirmativa.

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia (UECE), doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UECE) e, atualmente, pesquisador do Laboratório de Estudos da Conflitualidade e da Violência (COVIO) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

.conforme Grada Kilomba, Narcisista é esta sociedade branca que inventa identidades-  
Outras para esconder sua fragilidade-indentidade e, porque nada veem além da autoimagem, pouco  
contemplam para além da branca-imagem-branca refletida nas relações, nas instituições, no  
conhecimento... na fotografia. Uma selfie permanentemente atualizada, retroalimentada pelas  
teleobjetivas, angulares, macro, olho de peixe, olho por olho... Por isso pouco veem e pouco sabem.

.a cegueira-inumerável que invisibiliza e, em seu reverso permanente, fixa e emoldura o  
Outro, é um dos cancros coloniais mais dormentes e espetacularizados. O desejo de  
enclausuramento vem acompanhado pelas diferentes justificativas que transitam entre o “mostrar a  
realidade” e torná-la “visível”. É, sem dúvidas, uma tentação-heroica tornar o Outro existente  
congelando-o nesta selfie. Nas palavras de Frantz Fanon, “é o racista que cria o inferiorizado”,  
jamais o contrário! Pois, a experiência vivida do Negro será sobretudo dada pelo olhar do branco. O  
corpo-Outro-marginalizado é “coisificado”, portanto, objeto de observação. Paradoxalmente ao ver  
o corpo negro, este se torna invisível.

.a “descolonização” do olhar começa de dentro para fora. Sair da condição de objeto ou  
“coisa” observada, olhar no olho do Outro sem tremer é um ato de resistência e cura. Isso demanda  
um duplo movimento: inventar estruturas não somente de fala, mas sobretudo de escuta, isto é, não  
somente de visibilidade, mas de criação. Criar é re-existir. Inventar estruturas, neste sentido, é  
romper com a manutenção desta selfie-branquíssima. Interrogar o olhar branquíssimo do Outro,  
“mas também olhar para trás, e para nós mesmos, nomeando o que vemos”, conforme bem nos  
lembrou Bell Hooks. Significa lutar pelo direito de olhar.

.as fotopoéticas aqui contidas são o exercício cotidiano de um olhar opositivo, pois  
descolonizar o olhar fotográfico é aprender a contemplar de uma forma re-existente<sup>3</sup>.

## **Artes e Museus Indígenas no Ceará**

Iago Barreto Soares<sup>4</sup>

Serão apresentadas as ações da Caravana do Museu Indígena Tremembé, liderada pelo  
Cacique João Venâncio e pelo Pajé Luis Caboclo, assim como as viagens realizadas, que  
contemplaram todos os povos indígenas do Ceará.

---

<sup>3</sup> Texto criado e publicado em uma zine-coletiva intitulada "Perigrafia". A zine foi organizada e composta por fotografias de coletivos, fotógrafos e fotógrafas das periferias de Fortaleza (CE), lançada e distribuída na Festa do Dia Mundial da Fotografia que aconteceu na Escola Porto Iracema das Artes em 23 de agosto de 2019.

<sup>4</sup> Indigenista desde 2012, trabalho como fotógrafo e arte educador principalmente ligado ao Museu Indígena Tremembé e a Escola de Cinema Indígena Jenipapo-Kanindé e a Comissão de Juventude Indígena (COJICE), também curador da primeira exposição multiétnica de fotógrafos indígenas do Ceará, envolvendo jovens artistas tapebas, jenipapos-kanindé, tabajaras, tremembés, kanindés e pitaguaries.



## Como usar da colonialidade para desfazê-la?

Izabelle Louise Tremembé<sup>5</sup>

O que o outro pensaria de mim? Sou eu que habito este corpo? A qual lugar eu pertencço? Como articular meu corpo racializado e geopoliticamente marginal, através da fotografia? Como suscitar uma fotografia anticolonial e feminista? Como evidenciar o corpo enquanto cosmologia originária? Como usar da colonialidade para desfazê-la? De quê minha escrita vale? Para quem? Como fugir dos discursos e pensadores coloniais modernos? Como me tornar referência? Como construir práticas descolonizadoras o suficiente e que sejam atitudes políticas eficazes? Como expor no MAUC?

## O ensino de História através da Educação Patrimonial: o Museu como espaço de ensino e aprendizagem

Ana Lígia de Araújo Costa<sup>6</sup>

Esse resumo tem como objetivo englobar a discussão que será estabelecida sobre o ensino de história através do espaço do Museu e a relação de ensino e aprendizagem histórico através da promoção de uma educação patrimonial. Essa discussão será estabelecida através da experiência de estágio nos Museus promovido pela cadeira de Ação Educativa Patrimonial ministrada pela professora Berenice de Abreu, compreendendo a educação patrimonial promovida na cadeira como essencial na formação de educador, professor e pesquisador na área histórica. A conscientização promovida pela *educação patrimonial* do sujeito como indivíduo não apenas observador mas também participante leva a uma construção da identidade cultural e social fundamental na formação de uma sociedade mais *crítica* e *consciente* de sua própria história, que reflete não apenas o passado, mas o presente e o futuro desse povo. Dentro dessa educação patrimonial fundamental na construção do indivíduo, temos o espaço do *Museu* como ferramenta de ensino e aprendizagem da história, onde se tem uma relação muito próxima entre o professor e o pesquisador com a construção desse espaço

---

<sup>5</sup> Iza Louise Tremembé é arte-educadora, artista multilíngua, comunicadora e fotógrafa, graduada em Publicidade e Propaganda pela UFC, pesquisadora no LICCA (Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte da UFC), co-fundadora do Coletivo Estufa e integrante do Coletivo Mulheres da Imagem - Ce. Começa a estudar arte aos 14 anos, no fluxo entre Itarema e Fortaleza, entres os mares, a cidade, as periferias, os povos originários, o autorretrato e o corpo. Já foi contemplada pelo Edital N° 03/2016 do Instituto Bela Vista/SECULTFOR, e já expôs suas obras em Fortaleza, João Pessoa, Recife, São Luís e Belém.

<sup>6</sup> Aluna de graduação do curso de Licenciatura em História da turma de 2016.2 na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Foi estagiária do MAUC – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – pela cadeira de Ação Educativa Patrimonial e atualmente é educadora voluntária do museu.

do museu crítico. É importante destacar que é através da situação da *visita* ao museu que o professor acaba desenvolvendo um processo de *lembrança* e *esquecimento*, onde é feita uma seleção de informações e relações com os objetos expostos. Ao desenvolver essa narrativa crítica, a sua *prática docente* e metodologia acaba sendo afetada e adaptada ao uso desses objetos como ferramentas do seu trabalho de educador. Temos então o museu como produtor de conhecimento, conhecimento esse que foge das paredes da sala de aula e que levam a formação do aluno não apenas como indivíduo crítico mas também como cidadão participante de sua sociedade. Através de uma reflexão estabelecida sobre o papel do professor de história dentro do Museu, partindo dos textos discutidos na cadeira de Ação Educativa Patrimonial e na prática desses métodos e teorias através do estágio nos Museus promovido na cadeira, acredito que seja possível então afirmar que sim, o museu é fundamental como espaço de ensino e aprendizagem e sim, o professor não só pode mas deve fazer uso desse espaço como uma fonte de conhecimento para os seus alunos. Os Museus não são apenas gabinetes ou vitrines de exposição diferente do que muitos ainda acreditam e o professor tem como papel justamente ajudar na construção dessa identidade crítica e reflexiva do museu como espaço de preservação e promoção de toda a vida do homem. O homem durante todo o seu período de vida produz cultura, seja ele através de objetos, costumes, falas, tradições, e é fundamental a preservação, o estudo e o mantimento de um espaço que associe o objeto com seus valores estéticos, sociais, históricos, simbólicos e culturais e promova a relação dos indivíduos com esses objetos como formadores críticos sobre sua própria história.

## **Narrativas museais: a experiência da construção do Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC**

Carla Bianca Carneiro Amarante Correia<sup>7</sup>

Igor Eduardo de Lima Moreira<sup>8</sup>

Jully Araujo Dionizio<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Graduanda no curso de licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi estagiária no Memorial da Justiça do Trabalho do Ceará, tendo pesquisas desenvolvidas nas áreas de memória dos trabalhadores e do trabalho, e educação museal. Atualmente é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Inovação (PIBI/PROPLAD), atuando como educadora do Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC, e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio.

<sup>8</sup> 26 anos, acadêmico no curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), turma de 2015.2. Ex-bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia-UFC, tendo pesquisas desenvolvidas nas áreas de educação do campo, gestão democrática da educação pública, escola sem partido e videogame no processo de ensino e aprendizagem. Atualmente é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Inovação (PIBI/PROPLAD), na função de educador do Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC.

<sup>9</sup> Aluna de graduação do curso de Licenciatura em Letras/Libras da turma de 2015.2 na Universidade Federal do Ceará - UFC. Estagiária voluntária do ICES (Instituto Cearense de Educação dos Surdos) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Inovação (PROPLAD/UFC) do Núcleo Educativo, como educadora surda, do Museu de Arte da UFC (MAUC) da UFC.

Thaís Vieira Cândido<sup>10</sup>

Graciele Karine Siqueira<sup>11</sup>

Esta apresentação, coletiva, visa aportar reflexões e inquietações acerca das particularidades e desafios da implementação do Núcleo Educativo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), bem como trazer a perspectiva da contribuição deste processo para a prática da educação museal no Estado e as implicações da recente política de acessibilidade instituída. Utilizar-se-á, como fonte, os documentos administrativos elaborados em 2018 pela equipe para a implantação do Núcleo, bem como os projetos para solicitação de bolsistas junto à Pró-Reitoria de Planejamento e Administração da UFC, assim como os relatos de experiências dos arte-educadores, as fotografias das mediações com as exposições temporárias e as produções escritas sobre oficinas realizadas pelos educadores com o público visitante. Para tanto, busca-se trazer uma contextualização no que tange ao o Museu de Arte da UFC que, inaugurado em 1961 como um equipamento público vinculado à Universidade Federal do Ceará, surge como um espaço que visa, prioritariamente, resguardar e incentivar as artes plásticas no estado. Configura-se, pois, enquanto um lugar que condensa momentos significativos da vida artística cearense e brasileira, apresentando como missão a perspectiva do pensar e relacionar universalidade e regionalismo. Assim, a formação de seu acervo dialoga com o processo histórico de constituição da Universidade, bem como com o próprio desenvolvimento das artes plásticas do Ceará, de forma que, ao longo desse período, algumas modificações fizeram-se necessárias no que tange às ações, atividades propostas, estruturadas, e na relação que o Museu estabeleceu com a cena artística cearense. Para tanto, em 2019, busca-se a implantação de um Núcleo Educativo composto por estudantes de várias áreas do conhecimento, como História, Letras e Pedagogia por meio do Programa Institucional de Bolsas de Inovação (PIBI). Postulamos, portanto, questionamentos como, qual o impacto da construção de um Núcleo Educativo em um museu de arte? Como são construídas epistemologias a partir desse acervo para a prática educativa? Como pensar e planejar propostas educativas para além da visita mediada? Qual entendimento temos acerca do processo educativo no espaço museal? Pensando,

---

<sup>10</sup> Graduanda no curso de licenciatura em Letras Português - Italiano pela Universidade Federal do Ceará. Trabalhou como monitora do Projeto de Extensão Leituras na Praça. Atualmente, é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Inovação (PIBI/PROPLAD), atuando como educadora do Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC. Tem experiência na área da linguística, com ênfase em teoria do texto e do discurso, e é membro do Grupo de Estudos Semióticos (SEMIOCE) e do Grupo de Estudos a Desutilidade da Literatura.

<sup>11</sup> Museóloga, formada pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2005. Mestre em Museologia e Patrimônio por esta mesma instituição em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 2009. Trabalha no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - MAUC/UFC, desde setembro de 2008, desempenhando a função de museóloga e responsável pela Divisão de Acervo. Em 2018 assumiu a direção do MAUC/UFC.

pois, a educação como prática libertadora e os museus como redes de comunicação, afetos, pertencimento e enquanto equipamento de efetivação de direitos, a educação pela arte se constitui enquanto elemento para construção de práticas educativas para além do espaço da sala de aula. Portanto, a pesquisa visa compartilhar e conjecturar acerca dos processos e ações que vêm sendo efetivados por meio da implantação de um Núcleo Educativo e como isso tem reverberado para a comunidade acadêmica e para o restante da sociedade cearense.

### **Dia de visitar o Museu: qual o papel do professor?**

Berenice Abreu<sup>12</sup>

Minha participação na Mesa Redonda *Educação em Museus e para o patrimônio*, discutirá o papel do professor e da professora na experiência de ampliação de conhecimentos que o museu pode proporcionar aos sujeitos da educação – alunos(as) e professores(as). Partimos do princípio de que qualquer museu tem o potencial de proporcionar aprendizados. Os objetos musealizados funcionam como gatilhos de onde os sujeitos visitantes têm a possibilidade de articular a história e a memória que eles, os objetos, comportam, com suas próprias vivências e histórias particulares e sociais. Para que tal experiência ocorra, é fundamental a participação do professor e da professora em todas as etapas do processo de visitação, que começa com sua própria apropriação e compreensão da especificidade da instituição a ser visitada. Minhas reflexões terão como suportes minha experiência na formação de professores na UECE, especialmente, na ministração da disciplina Ação Educativa Patrimonial, nos relatórios de estágio em instituições museológicas produzidos pelas turmas, como também em conversas informais com profissionais que atuam em museus. Como conclusão geral considero que a experiência de ampliação da moldura cultural dos e das discentes pode ser potencializada com uma maior participação e atuação de seus professores e professora.

### **Educando o olhar: patrimônio, cultura e cidade**

Edilberto Florêncio<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (1988), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1998), doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2007), com estágio pós-doutoral no CPDOC/FGV (2013). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará, atuando principalmente nos seguintes temas: jangadeiros, cidade, política, estado novo.

<sup>13</sup> Ator e historiador com pesquisas nas áreas da cultura e patrimônio. Possui graduação em História, especialização em Ensino de História do Ceará pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, e Mestrado em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Foi gerente de Patrimônio e Museus da Secretaria da Cultura Juventude Esporte e Lazer de Sobral (2017-2018) e coordenador do Centro de Referência Cultural e Histórica de Sobral Casa do Capitão-Mor (2010-2016). Atualmente é professor substituto no curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

É preocupação recorrente entre profissionais da área do patrimônio e da cultura, as reflexões sobre a inserção social dos campos da história, cultura, patrimônio, memória e identidade. O passado e seu legado se faz presente, entre outras coisas através do patrimônio cultural que é, constantemente transformado no presente. Dessa forma, o patrimônio, representado por edificações, produções artísticas, saberes e fazeres, contam a nossa história e retratam o que se somos e temos enquanto sujeitos coletivos. Pois, como bem afirma Mário Chagas, “... o patrimônio (tangível e intangível) pode ser compreendido como ponte entre espaços, tempos, indivíduos, coletivos e culturas diferentes.” (CHAGAS, 2006)

Nesse sentido buscar entender esta ponte que nos liga histórica e culturalmente, nos possibilita pensar quem somos e discutir nossas identidades, através dos problemas e dos questionamentos do tempo presente. Percebemos por meio desta reflexão, que história e patrimônio assim como as pontes, são construções, que abrigam em seu seio conflitos de poder e de interesses, nas quais também colaboramos e interferimos como construtores, escolhendo por quais pontes queremos caminhar e que destinos iremos buscar.

Assim, a relação entre espaço (território praticado), tempo (passado-presente-devir) e cultura (bens culturais, patrimônio e museus), precisa ser estimulada e desnaturalizada, possibilitando um processo de “alfabetização”, enquanto forma de ser e estar no e com o mundo, ligada tanto a proposição de Mário de Andrade, quanto à Paulo Freire. Estimulando junto ao público uma atividade de “educação do olhar”, buscando sensibilizar a comunidade para um olhar que percebe o patrimônio enquanto bem coletivo, que traça diálogos entre passado e presente, compreendendo que na cidade se coadunam permanência e ruptura, construindo o devir do lugar.

### **Museu, educação e patrimônio industrial**

Patrícia Xavier<sup>14</sup>

O Museu da Indústria é uma instituição ligada Serviço Social da Indústria (SESI/CE) e Federação das Indústrias do Ceará (FIEC), inaugurado no dia 11/09/2014 é um espaço cultural dedicado a promoção da preservação da história da indústria cearense com diversas atividades culturais como exposições, encontros e eventos. O prédio foi construído em 1871, e abrigou diversas instituições como a Companhia de Energia Ceará Light Power. O objetivo desse trabalho é comunicar as ações de educação patrimonial realizadas pelo Museu da Indústria. O núcleo educativo do espaço é formado por coordenação pedagógica, analista educacional e por 8 estagiários, que

---

<sup>14</sup> Coordenadora do Núcleo Educativo do Museu da Indústria.

podem ser das mais diversas áreas do conhecimento. Através da mediação dos objetos, do edifício do museu, das exposições de longa duração e temporárias, abordamos aspectos relacionados ao patrimônio industrial cearense. Inventariar, pesquisar, divulgar e conservar o patrimônio industrial significa voltar o olhar para o passado, mas também implica em pensar soluções e inovações para o futuro. Por esse motivo, o Museu da Indústria abriga iniciativas que estão voltadas para o design, a gastronomia, a moda e arquitetura. Áreas do conhecimento onde cultura e indústria se encontram. Tomando como premissa: as discussões sobre o patrimônio industrial, a ideia de mediação já largamente empregada para ações de educação patrimonial, e uma concepção diversa da que considera o museu como repositório de coisas velhas; o núcleo educativo do Museu da Indústria é responsável por pensar, de forma participativa e ativa, como dialogar com o público a respeito dos conteúdos presentes nas exposições e no próprio do edifício. A preparação é feita durante a pesquisa e através de textos selecionados pelo grupo que deverão subsidiar as mediações. A equipe é estimulada a pensar nas ações educativas que serão desenvolvidas. Essas atividades podem ser desde jogos de cartas, como foi construído para exposição de longa duração, até jogos de tabuleiros e caça ao tesouro, como feito na exposição “Carnaúba Árvore da Vida”. Esperamos que essas ferramentas contribuam com a noção de que o museu não é apenas um apêndice dos conteúdos vistos em sala de aula, mas sim, uma oportunidade de afirmação do direito à memória e do exercício da cidadania. As visitas não acabam no espaço do museu, continuam nas discussões, pesquisas e conversas, na sala de aula ou em qualquer outro espaço de convivência dos estudantes.

## **O Educativo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará**

Cris Soares<sup>15</sup>

Apresentação das ações e programas desenvolvidos pelo Educativo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC.Ce).

## **Relatos de uma experiência em curadoria compartilhada**

Natália Maranhão<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Especialista em Gestão e Políticas Culturais, pelo Instituto Itaú Cultural e Universitat de Girona, graduada em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. Coordena o Educativo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), idealizadora do programa Bebê Dadá, experiências multissensoriais em museus para a primeira infância. É artista visual e Ilustradora no Programa de Alfabetização na Idade Certa - PAIC, pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará- SEDUC, desde 2011.

<sup>16</sup> Historiadora e gestora cultural, atuando em museus há mais de dez anos. Foi educadora em museus e espaços culturais na cidade, diretora do Sobrado Dr. José Lourenço e atualmente integra o Programa Educativo Gente Arteira, da CAIXA Cultural Fortaleza, como Orientadora Pedagógica.

Em 2016, uma oficina de Curadoria Colaborativa no Sobrado Dr. José Lourenço, em parceria com o MiniMuseu Firmeza, possibilitou integrar a comunidade aos bastidores dos Museus, resultando em uma exposição colaborativa no Sobrado, gerando resultados positivos às duas instituições. Essa fala se propõe a discutir sobre a importância de um público frequentador atuante, a necessidade de formação específica para a área museológica e as diferenças e desafios de uma curadoria colaborativa.

### **Patrimônio do Meu Eu: vivências educativas na Casa do Capitão-Mor Centro de Referência Cultural e Histórica de Sobral**

Neyci Sotero<sup>17</sup>

Apresentação da proposta educativa do espaço cultural Casa do Capitão-Mor, bem como do processo de criação do material didático e as vivências realizadas a partir das visitas mediadas e oficinas.

### **Experiências com gestão e políticas públicas nos museus cearenses**

Cristina Rodrigues Holanda<sup>18</sup>

A proposta é apresentar um panorama das políticas públicas voltadas para museus nos últimos dez anos e seus impactos no Ceará, tendo como pano de fundo a atuação de instituições, sistemas e redes do campo museal cearense.

### **Patrimônio Cultural da Casa José de Alencar: Novos olhares, novas possibilidades**

Frederico Pontes<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, com Pós-graduação em Ensino de História do Ceará pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA e Pós-graduação em Gestão Pública Municipal pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/Universidade Estadual do Ceará - UECE. Gerente da Célula de Patrimônio e museologia da Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer da Prefeitura de Sobral - CE.

<sup>18</sup> Licenciada em História e Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Arqueologia Social Inclusiva pela URCA. Presidente da Fundação Memorial Padre Cícero, em Juazeiro do Norte – CE, desde fevereiro de 2017. Foi técnica (2002-2006) e Diretora do Museu do Ceará; do Museu Sacro São José de Ribamar e do Sistema Estadual de Museus (2008-2013). Atuou como consultora de Avaliação e Planejamento do Programa Pontos de Memória do Ibram – Instituto Brasileiro de Museus (2013-2017).

<sup>19</sup> Possui mestrado em História e graduação em História Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (2010) e graduação em Administração de Empresas (2000) e especialização em Gestão Universitária (2006) pela Universidade Federal do Ceará. Possui curso de capacitação em Gestão e Elaboração de Projetos Culturais. Atualmente é administrador da Universidade Federal do Ceará, foi professor efetivo de História da Secretaria Estadual de Educação do Ceará em 2014, ocupa o cargo de Diretor da Casa de José de Alencar/UFC. Desenvolve pesquisas nas áreas de memória, oralidade e patrimônio histórico. Atua há 10 anos na área de gestão cultural.

Pensar o patrimônio cultural em harmonia com desenvolvimento sustentável e inclusivo é uma tarefa complexa que envolve além de outras ações a quebra de paradigmas em relação aos usos do patrimônio cultural e de seus espaços. Esses espaços devem agir como parte integrante e atuante da sociedade, participando da formação de consciência das pessoas e grupos, contextualizando suas ações em conjunturas históricas, sociais, culturais e econômicas no sentido de tornar compreensível os problemas atuais e fomentar o engajamento das pessoas na transformação do contexto social em que vivem. Nessa perspectiva iremos refletir sobre a gestão cultural na Casa José de Alencar, percebendo suas especificidades, desafios e potencialidades.

### **Museu da Imagem e do Som – MIS | SIM.Ce: À procura da *Simpoiesis***

Silas de Paula<sup>20</sup>

“*Simpoiesis* significa ‘fazer com’. Nada se faz por si; nada é realmente *autopoiesis* ou auto-organizado. Nas palavras do *world game*, do computador dos *Inupiat* (nativos do Alasca) os terrestres nunca estão sozinhos. Essa é a implicação radical da *simpoiesis*. É uma palavra apropriada para sistemas históricos complexos, dinâmicos, sensíveis e situados. É uma palavra para ‘criando o mundo com’, juntos. A *simpoiesis* envolve a *autopoiesis* e, genericamente, se desenrola e se estende.”  
(Donna Haraway)

Segundo o *International Council of Museums – ICOM*, a definição atual de museu não reflete ou expressa adequadamente as complexidades do século XXI, as responsabilidades e compromissos atuais dos museus, nem seus desafios e visões de futuro. É necessário termos em mente que vivemos em uma sociedade complexa, desigual e em permanente conflito e é com essa diversidade de pessoas e públicos que o MIS | SIM precisa dialogar, lembrando sempre que um museu público pertence à comunidade.

O MIS | SIM.Ce é responsável, desde sua fundação, pela preservação, difusão e pesquisa da memória audiovisual do Estado. Transformar tudo isso em memória viva, tecnologicamente atualizada e em processo contínuo de construção demanda um espaço físico e virtual que dê conta da complexidade e urgência do processo.

Questões de Partida.

---

<sup>20</sup> Doutor pela Universidade de Loughborough, Inglaterra, é professor aposentado do Curso de Comunicação e do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará – UFC. Atuava na linha de pesquisa em Fotografia e Audiovisual. Fotógrafo capixaba, nasceu em 1950 e reside no Ceará. Foi co-fundador e diretor do IFoto – Ce, participou da organização e da curadoria de todas as mostras do DiVerCidade em Fortaleza; fez parte da comissão julgadora do Prêmio Conrado Wessel, em São Paulo; da seleção de projetos para o Edital da Secretaria de Cultura da Bahia, entre outras. Tem dois livros, fez várias exposições, ganhou alguns prêmios e tem diversos textos publicados em revistas científicas e jornais. Este ano foi selecionado para o Prêmio Diário Contemporâneo em Belém do Pará e Pierre Verger na Bahia e foi convidado para ser diretor e ajudar a pensar o novo Museu da Imagem e do Som – MIS | SIM.Ce.



- Como artistas e tecnólogos criativos respondem ou intervêm em novas tecnologias para criar formas mais equitativas de ver e compartilhar informações?
- Como a tecnologia pode facilitar tanto a representação democratizada quanto a privacidade?
- Como podemos construir futuros mais justos para os seres humanos e pós-humanos?

## **A Casa de José de Alencar e seus múltiplos acervos**

Márcia Pereira de Oliveira<sup>21</sup>

O presente trabalho tem como tema a documentação do acervo da Casa de José de Alencar. Local de nascimento do escritor cearense José de Alencar e residência da família do romancista. A Casa de José de Alencar é um equipamento público Federal desde 1966, a Casa, foi criada para ser um local de culto à memória de Alencar e um centro de incentivo à literatura cearense. Em pouco mais de meio século de existência como equipamento cultural Federal, a Casa de José de Alencar, abriga diversas atividades voltadas para a comunidade. Palestras, seminários, encontros, aulas (música e karatê), mediação cultural e apresentações teatrais e musicais. Atividades que ressaltam o papel extensionista da Casa de José de Alencar.

Formada por um conjunto arquitetônico que reúne um prédio histórico (também chamado de ‘casinha’), as ruínas do engenho a vapor que pertenceu a família Alencar, restaurante, salas de aula, auditório, diretoria, secretaria, duas pinacotecas e um museu. As duas pinacotecas são formadas por obras de arte que apresentam em imagens os romances, contos e peças teatrais criados por José de Alencar. O museu é formado por peças adquiridas para o extinto Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará (IAUC). Rendas, almofadas, piques/papelões, bilros, amostras de rendas, instrumentos de tortura, instrumentos musicais, imagens de orixás, ervas e outros elementos ligados aos cultos de umbanda e candomblé.

As peças em exposição pertencem as coleções Luíza Ramos, Arthur Ramos e uma pequena parte da Coleção Arte Popular e Rendas do Ceará. As duas primeiras são fruto dos estudos do casal Arthur e Luíza Ramos para o estudo das rendas e das religiões de matriz africana. Arte Popular e Rendas do Ceará foi o resultado da coleta realizada pela então conservadora do IAUC, Valdelice Girão. Além das peças em exposição o acervo é formado por objetos coletados pelos pesquisadores

---

<sup>21</sup> Museóloga formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) desde 2002. É Especialista em Ensino de História do Brasil pelo Instituto de Teologia Aplicada (INTA - 2010) e Mestra em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO (2014). Desde 2004 é museóloga da Universidade Federal do Ceará (UFC). Lotada na Casa de José de Alencar, é responsável pela documentação, conservação e exposição do acervo museológico. Também realiza pesquisas acerca do acervo e do equipamento fornecendo subsídios para as exposições e ações educativas da Casa.

do IAUC e pelas peças retiradas das ruínas do engenho da família Alencar na prospecção realizada no ano 2000 pelos arqueólogos da equipe do professor Marcos Albuquerque.

Grande parte do acervo está na reserva técnica e só pode ser acessado para visitas técnicas ou para pesquisa. As peças do extinto IAUC foram tombadas, fichadas e em parte fotografadas pela conservadora Valdelice Girão. O trabalho de Valdelice demonstra uma extensa pesquisa cujos resultados podem ser percebidos na documentação produzida pela conservadora e pelas pesquisas com as rendas das coleções Luíza Ramos e Rendas do Ceará. O resultado do trabalho foi publicado no catálogo *Renda de Bilros*.

Em grupos de objetos ou individualmente as peças foram fotografadas e, desde 2015, a coleção Arthur Ramos e as fichas das peças foram fotografadas para compor uma plataforma digital que, em breve, será disponibilizada ao público. Atualmente, documentos elaborados por Valdelice estão sendo digitalizados e guardados em HD externo. A digitalização das fichas, do livro de tombo e demais documentos estão em andamento e, assim como as imagens das peças, deverão ser guardados em equipamento próprio e disponibilizados em meio digital.

### **O que é o “dentro” dos museus?**

Saulo Moreno Rocha<sup>22</sup>

Tradicionalmente, os museus são conhecidos por sua face mais visível, a exposição e, conseqüentemente, a partir da base conceitual sobre a qual eles foram assentados na modernidade, o objeto material, substituto da realidade e meio para as produções simbólicas nas quais são fabricados discursos e representações sobre a natureza e a cultura. Contudo, há uma enorme malha de ações, sujeitos e sentidos que são tecidos até a elaboração de uma narrativa expográfica e para além delas. Grande parte destas relações e volições são cuidadosamente invisibilizadas, seja a favor de um enquadramento institucional que apague autorias individuais ou mesmo quando o acento pessoal é o tom definitivo e saliente, que orquestra uma tentativa de totalização centrada em um “eu” de um curador(a) ou museóloga(o), no qual o ego e a autoridade são facetas marcantes. Esta comunicação não pretende desvelar todas as inúmeras camadas que fazem de um museu um museu, mas pretende abordar mais precisamente o processo de musealização e sua complexidade, compreendendo o museu como fenômeno e representação (Scheiner, 1998) e apontando para um conjunto de práticas

---

<sup>22</sup> Museólogo (COREM 6R 0058 – I) e educador do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC/UFC). Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Museologia e Patrimônio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)/Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Pesquisador do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS/Escola de Museologia/UNIRIO) e do Núcleo de História, Cultura e Memória da Ong Carreiro de Tropa (CATROP). Realiza pesquisas sobre História e Memória dos Museus e da Museologia no Brasil e as interfaces entre musealização e patrimonialização, bem como sobre as experiências museais do abolicionismo. Coordena o Núcleo Educativo do MAUC/UFC.

e pensamentos que estão por trás do fazer museológico ou que o caracterizam. Assim, tensiona-se um olhar para o “dentro” do museu e dos seus processos de produção de objetos, de sujeitos e de narrativas, para os modos como ações consideradas “técnicas” são agenciadas por pessoas atuantes no campo museal. Destacar-se-á neste contexto duas frentes fundamentais: a conservação e a documentação, compreendidas como produtoras e produtos de certas relações estabelecidas com o Real significado e os mecanismos pelos quais são operacionalizados, marcados que também o são por subjetividades e agências diversas. Outrossim, finaliza apresentando brevemente o caso da Jangada Libertadora (MORENO ROCHA, 2018), objeto símbolo do abolicionismo cearense, e de como sujeitos e instituições a produziram como museália, no interior de disputas políticas e de autoridade no ocaso da escravidão no Brasil, que apontam para o museu como lugar simbólico de poder e conflito, nos quais gestos documentais e conservacionistas podem ser acionados com distintos objetivos e orientados por múltiplos gestos valorativos.

### **Programa de acessibilidade MFF**

Keli Pereira<sup>23</sup>, Larissa Sales<sup>24</sup>

O programa de acessibilidade do Museu da fotografia Fortaleza tem como intuito oportunizar os meios e as condições necessárias que possibilitem a acessibilidade de todos. Em parceria com o Projeto Fotografia tátil (UFC) usa a descrição de imagens como recurso de acessibilidade e materializa fotografias em peças táteis. Além das oficinas que tem como finalidade formar pessoas cegas e/ou baixa visão a tirar suas próprias fotografias.

Outro projeto dentro do programa é a realização de atividades com Autistas, que enaltece uma parceria entre Museu da Fotografia Fortaleza e a Fundação Projeto Diferente. O MFF, promove atividades semanalmente para crianças, jovens e adultos da Fundação, que tem como finalidade, o atendimento educativo a pessoas com autismo e seus cuidadores. Com o intuito de cooperar com o desenvolvimento de suas potencialidades e da inclusão social, o projeto vivencia um processo de aprendizagem experiencial, onde todos são capazes de construir e aprender.

### **Projeto Acesso: ações inclusivas no campo museológico**

Márcia Bitu Moreno<sup>25</sup>, Lara Lima<sup>26</sup>, Carlos Viana<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> Nascida no Rio de Janeiro (1989), é Artista visual, arte educadora e fotógrafa. Autodidata, desenvolveu seu principal trabalho fotográfico na escola Porto Iracema das Artes (2017) e atualmente, coordena os projetos Sociais do Museu da Fotografia.

<sup>24</sup> (Fortaleza- CE, 2000). Educadora do Museu da Fotografia Fortaleza - MFF. Estudante de atendimento especializado em LIBRAS – CREAECÉ. Exploradora de experiências educativas. Bounder, pela Outward Bound Brasil (participante da rede mundial de Aprendizagem experiencial ao ar livre).

A equipe do projeto Acesso apresentará as distintas ações inclusivas desenvolvidas no Museu da Cultura Cearense para construção de museu humano, criativo e dialogal.

## **Design Computacional e experiências com arte acessível**

Roberto Cesar Cavalcante Vieira<sup>28</sup>

O avanço das novas tecnologias possui uma forte influência na realização de novas ações artísticas. Devido ao crescimento de técnicas e ferramentas de fabricação digital, o uso de programação e o surgimento crescente de novos softwares, essa influência vem se consolidando nos processos de design, a fim de conceber resultados inéditos além de explorar a inovação nos processos de criação. O projeto “Design computacional e fabricação digital como meios de expressão artística e inclusão”, cadastrado como extensão e arte na universidade Federal do Ceará, visa a realização de investigações artísticas utilizando tecnologia e foco na inclusão. O projeto Fotografia Tátil busca formar grupos de fotógrafos cegos, utilizando-se de máquinas de fabricação digital para produzir peças táteis e sistema de automatizado de audiodescrição como auxílio ao reconhecimento das obras. O projeto Música Acessível visa a tradução de frequências sonoras em informações visuais e táteis para apreciação de apresentações musicais em tempo real por pessoas com deficiência auditiva. Com este projeto, pretende-se fortalecer o grupo de pesquisa em Design Computacional do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Design da UFC com a realização de experimentos artísticos inclusivos utilizando-se das novas tecnologias.

## **Acessibilidade no Mauc: Ações que fazem a diferença**

Carlizeth Campos<sup>29</sup>

Saulo Moreno Rocha<sup>30</sup>

---

<sup>25</sup> Coordenadora do Projeto Acesso, Gerente do Museu da Cultura Cearense - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, socióloga com máster em *Museo y Educación Patrimonio Identidad y Mediación* - Universidade de Murcia, Espanha (2013), experiência em gestão de museus, projetos sociomuseológicos e acessibilidade.

<sup>26</sup> Graduada em Letras com habilitação em português e espanhol – UFC, graduanda em Administração de Empresas – Estácio, cursando especialização em Gerenciamento de Projetos pela Prominas, Membro da equipe do Projeto Acesso no Museu da Cultura cearense, Testadora de softwares na Dell/LEAD.

<sup>27</sup> Graduado em comunicação social, com bacharelado em jornalismo pela Faculdade Cearense. É membro do projeto Acesso desde 2007. Além de participar do projeto, também é repórter do Grupo de Comunicação O Povo.

<sup>28</sup> Possui graduação em Computação pela Universidade Federal do Ceará (2002), mestrado e doutorado em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Ceará (2007 e 2012). Professor efetivo do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Design desde 2014. Integra o Laboratório de Experiências Digitais (LED) e desenvolve projetos de pesquisa e extensão com foco em Fabricação Digital e Design Computacional.

<sup>29</sup> Cursou o Ensino Fundamental e Médio tendo como método de leitura e escrita o Sistema Braille. Possui um vasto conhecimento sobre Dosvox e NVDA, tecnologias assistivas desenvolvidas para pessoas com deficiência visual. É graduanda em Letras e é servidora da UFC desde 2013.

A presença do público com deficiência visual e surdez em espaços museais é uma grande oportunidade para se pensar em ações que transponham a barreira que há entre o que se pode ver mas não se pode tocar e o que se pode ver mas não se pode ouvir. Nesta apresentação, Carlizeth Campos, servidora com deficiência visual que integra a equipe do Mauc, e Saulo Moreno Rocha, museólogo, compartilham com os presentes as ações que o Museu vem desenvolvendo para inserir esse público nos eventos promovidos pela Instituição.

---

<sup>30</sup> Museólogo (COREM 6R 0058 – I) e educador do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC/UFC). Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Museologia e Patrimônio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)/Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Pesquisador do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS/Escola de Museologia/UNIRIO) e do Núcleo de História, Cultura e Memória da Ong Carreiro de Tropa (CATROP). Realiza pesquisas sobre História e Memória dos Museus e da Museologia no Brasil e as interfaces entre musealização e patrimonialização, bem como sobre as experiências museais do abolicionismo. Coordena o Núcleo Educativo do MAUC/UFC.

